

Reflexão & Ação, Vol. 21, No Especial (2013).

Uma poética discutindo identidades e possibilidades de educação na sociedade democrática.

Entrevista com Mia Couto, por Ieda de Camargo e Felipe Gustsack

**Breve currículo.** Mia Couto atualmente é um dos nomes moçambicanos mais traduzidos: espanhol, francês, italiano, alemão, sueco, norueguês e holandês são algumas línguas, sendo considerado um dos escritores mais importantes de Moçambique. Em seus escritos, Mia Couto (re)cria palavras e expressões da língua portuguesa, partindo de uma influência moçambicana. Para tanto, utiliza o léxico de várias regiões do país, produzindo uma outra matriz narrativa no contexto africano. Alguns de seus livros são: *Terra Sonâmbula*; *Antes de nascer o mundo*; *Cada homem é uma raça*; *A Confissão da Leoa*; *E se Obana fosse Africano?*; *Estórias Abensonhadas*; *O fio das missangas*; *Venenos de Deus, Remédios do Diabo*; *O Gato e o escuro*; *A varanda de frangipani*; *O outro pé da sereia*; *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*; *O último voo do flamingo*.

**Ieda de Camargo** – Esta entrevista integra a primeira Edição Especial da revista em 2013, que tem como tema as discussões que envolvem a “Educação Indígena e Afrodescendente: Políticas e práticas”. A mesma será lançada no XI Fórum Nacional de Educação; XIV Seminário Regional de Educação Básica e II Encontro Nacional do PIBID/UNISC, que tratarão da temática: **Sociedade Atual: nós e o outro**. Assim, contemplando um dos aspectos importantes da relação ‘nós e o outro’ a publicação da revista está prevista para a primeira etapa do evento, que acontecerá de 26 a 27 de abril de 2013. Procurando organizar alguns questionamentos que vem ao encontro de nossa temática, apresentamos três momentos com questões mais específicas a fim de tornar mais leve a entrevista tanto para nós quanto para os nossos leitores:

**1º momento. Sua obra**

**Ieda de Camargo** – 1) Como se constitui o processo de fazer-se poeta?

**Mia Couto** – Cada caso é um caso e nenhum deles pode ser realmente explicado. Trata-se de um processo semelhante a um sonho. Por vezes, eu respondo que sou filho de um poeta. Mas isso explica pouco, pois tenho dois irmãos e nenhum deles seguiu as pisadas da poesia. Eu creio que comecei a escrever porque tinha pouco jeito para viver. E transportei tudo para os sonhos. Sonhava no papel.

**Ieda de Camargo** – 2) Qual o papel do intelectual, do escritor no contexto do social, de Moçambique e de outras partes do mundo, atualmente?

**Mia Couto** – Eu não sei se ele tem outro papel que não seja o de criar histórias. E isso não é pouco numa sociedade em que tudo se converte em mercadoria. A capacidade de imaginar e não apenas de consumir a história é uma poderosa forma de resistência. O livro não escapa à condição de mercadoria, mas a relação entre escritor e leitor ainda resiste como algo genuíno.

**Ieda de Camargo** – 3) Como se dá a criação dos seus personagens e a escolha/opção pelo foco narrativo?

**Mia Couto** – As personagens estão na vida, no quotidiano. Falta-nos apenas disponibilidade para as encontrar. No meu caso, não por uma habilidade particular, mas pela ausência de outras habilidades, eu estou disponível a esses encontros. São as personagens que caminham em minha direção. E são elas que constroem a narrativa. São elas que me contam a história. O meu papel é o de construir silêncios para que essas vozes se escutem dentro de mim.

## **2º momento: Políticas públicas e identidade do outro/marginalizado**

**Ieda de Camargo** – 4) Acerca dos problemas sociais, como percebes as possibilidades para uma superação das condições e processos que marginalizam ainda mais, e sempre mais, aqueles menos favorecidos pelo sistema?

COUTO, Mia.

**Mia Couto** – Esse processo não é novo e atravessou vários sistemas políticos e sociais. O que parece ser novo é que agora é que ele se mundializou e surge como sendo único, definitivo e sem alternativa. O que é preocupante hoje é o modo como se instalaram mecanismos de discriminação e exclusão que conduzem a uma aceitação passiva e resignada. O que nos dizem é que está mal, sim, mas não há alternativa. E que aprendemos a viver sem utopia. E isso é um modo de nos roubarem o futuro.

**Ieda de Camargo** – 5) Como compreendes as questões que envolvem os processos de punição, no contexto africano, de uma cultura de tradição oral para uma cultura de tradição escrita com o ensino da Língua Portuguesa nas escolas?

**Mia Couto** – Esse assunto é vasto e cheio de incursões mais ideológicas e doutrinárias. Há aqui categorias que usamos com facilidade como “tradição”, “oralidade”, “cultura” que devem ser questionadas. A tradição moderniza-se todos os dias em Moçambique e sugere casamentos vários e muito produtivos entre a Língua Portuguesa e vinte e poucas línguas moçambicanas de raiz bantu. Hoje a Língua Portuguesa, apesar de não ser falada por muitos dos moçambicanos, é já uma língua moçambicana, a única que comporta a moçambicanidade em construção. A solução seria fazer um acerto em as línguas maternas de quem chega à escola e a Língua Portuguesa que é a língua de unidade nacional. E isso está sendo feito de modo ainda experimental, mas, ao que tudo indica, com resultados promissores.

**Ieda de Camargo** – 6) Como percebes a invasão da cultura midiática e a construção da identidade dos diversos grupos que constituem a sociedade atual

**Mia Couto** – Não sei se chamaria “invasão”. Talvez seja melhor chamar de “hegemonia”. Mas depende do que entendemos por “mídia”. Serão apenas os órgãos de informação modernos? Ou incluímos também os meios mais assim de passar a palavra, do murmúrio e da fofoca. Umberto Eco diz com muita propriedade que a mensagem que chega mais longe não é a que é gritada. Mas a que é sussurrada. E aqui os pobres podem ainda ter uma arma de grande valor.

**3º momento: papel e/ou possibilidades da educação na sociedade democrática**

**Ieda de Camargo – 7)** Em sua opinião, qual (is) caminho(s) para o processo de construção e respeito à identidade individual e a do outro através da educação?

**Mia Couto** – A questão da identidade ocupa um lugar central na minha obra literária. EU acredito que um dos maiores logros do nosso pensamento se localiza exatamente nessa necessidade imperiosa de ter uma identidade. Ora ninguém tem uma identidade. Temos várias e é bom que assim seja. Essa pluralidade de identidades deve ser acessível e devemos gostar dessa diversidade interior. Ora a ideia de “normalidade” psíquica foi construída contra este mosaico de seres que cada um de nós é.

**Ieda de Camargo – 8)** Nesse processo quais valores podem/deveriam ser evidenciados pela sociedade e, em especial, pela escola?

**Mia Couto** – Aquilo que chamamos de “educação” deverá ser repensado radicalmente. Repensar os mecanismos, os lugares e as lógicas é algo urgente e não compete apenas aos educadores profissionais. O que está em causa é o saber que necessitamos, um saber que deve ser casado com sensibilidades novas. Há aprendizagens que não parecem ser valorizadas como o aprender a amar, o aprender a ser solidário, a ser não apenas tolerante com os “outros”, mas a sermos outros de nós mesmos, a sermos plurais. A escola atual está muito longe disso.

**Ieda de Camargo – 9)** Para finalizar, quais são suas impressões sobre a sociedade brasileira nos processos de inventar-se como uma democracia?

**Mia Couto** – Seria uma grande arrogância ter opiniões. Assim, a pergunta está certa: tenho impressões. E elas sugerem que muito do Brasil é parecido com a sociedade moçambicana. Há um modo igual em que elas se reconhecem e se negam a si mesmas. Vivemos ambos, o Brasil e Moçambique, numa aceitação difícil do nosso próprio retrato. Saltitamos entre o orgulho de sermos quem somos, mas escondemos uma vontade imensa de sermos outros, de sermos parecidos com aqueles que aprendemos a respeita.